

A SEMANA – 152

John Gledson

A chuva torrencial que motivou esta crônica caiu na sexta-feira, dia 26 de abril, e é tratada em tom jocoso n’*O Paiz*, por exemplo. A cena no bonde-arca é um excelente pretexto para juntar vários assuntos menores – o “recuo”, as considerações sobre a “amolação”, assunto preferido do cronista, os dois senados da Bahia, o inglês protestante e pedante, os bondes elétricos... No meio, vem o elogio do livro de contos de Coelho Neto, *Fruto proibido*.



A SEMANA

28 de abril de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Que dilúvio, Deus de Noé! Escrevo esta *semana* dentro de uma arca, esperando acabá-la, quando as águas todas houverem desaparecido. Caso fiquem, e não cessem de cair outras, concluí-la-ei aqui mesmo, e mandá-la-ei por um pombo-correio. A arca é um bonde. Noé é um Noé deste século industrial; leva-nos pagando. Fala espanhol, que é com certeza a língua dos primeiros homens.

A princípio não tive medo; cuidei que eram dessas chuvas que passam logo. Quando, porém, os elementos se desencadearam deveras, e as ruas ficaram rios, as praças mares, então supus que realmente era o fim dos tempos. As árvores retorciam-se, os chapéus voavam, toalhas de água entravam pelas casas, outras desciam dos morros, cor de barro. Carro nem tálburi disponíveis. Algum veículo particular que aparecia, ou levava o dono, ou esperava por ele. Bondes apenas, mas poucos, alagados, sem horário, quase sem cortinas. Entramos alguns em um, e o bonde começou, não a andar, mas a boiar; boiou a noite inteira, ainda agora boia.

Impossível foi dormir. Então conversamos, lemos, contamos histórias; as senhoras rezavam, as meninas riam. Um sujeito, querendo ligar o interesse municipal ao interesse humano, falou do recuo.¹ A atenção foi geral e pronta. Vinte minutos depois já ninguém queria ouvir as opiniões consubstanciadas no discurso do orador, nem as deste, nem os textos legais e outros. A palavra *amolação* começou a roçar os lábios. Notei que a maioria presente era de proprietários, e naquela situação e hora era difícil achar matéria mais deleitosa de conversação; mas o nosso mal verdadeiro, local e perpétuo é a amolação. Há anos sem febre amarela, o cólera-morbo aparece às vezes, o crupe

¹ Neste momento, havia na *Gazeta* uma série de artigos da autoria de Luís Rafael Vieira Souto, que seria um dos principais protagonistas do “bota-abaixo”, sobre o “recuo”, isto é, o recuo das fachadas de algumas casas para “alinhar” as ruas estreitas e tortas do velho Rio de Janeiro colonial. Com efeito, os artigos podem ser bastante enfadonhos apesar do óbvio interesse do assunto; falam muito da legislação europeia, sobretudo francesa, sobre a desapropriação. Um deles vem diretamente em seguida a esta crônica, no jornal. É uma boa amostra.

também e outras enfermidades, mas todas se vão, e alguns vamos com elas;² a amolação não sai nem entra; aqui mora, aqui há de morrer. O sujeito do recuo teimou, outro desafiou-o, as senhoras pediram que não brigassem.

Os homens, cavalheiros até no dilúvio, intervieram no debate e falaram de outras tantas coisas, uns do sul, outros do norte, alguns do negócio dos bichos.³ Os bichos trouxeram-nos o pensamento ao dilúvio presente e passado, ao bonde e à arca de Noé. Pediram-me a velha história bíblica. Conteí-a, como podia, e perguntei-lhes se conheciam o *Fruto Proibido*.⁴ Como a fala não sai em grifo, não se pode conhecer se a pessoa repete um título ou alguma frase. Daí o gesto indecoroso de um passageiro, que entrou a assobiar a *Norma*. Citei então o nome do⁵ Coelho Neto, e disse que se tratava de um livro agora publicado.

Coelho Neto conhece a Escritura e gosta dela; mas será o seu amor daqueles que aceitam a pessoa amada, apesar de alguns defeitos, ou até por causa deles? perguntei. Toda a gente se calou, exceto um inglês, que me retorquiu que a Bíblia não tinha

² Na *Gazeta*, está “eles”, que pode ser correto (concordando com “o crupe” e “o cólera”). Aurélio tem “elas” (concordando com “as enfermidades”), o que nos parece mais lógico, e mais verossímil.

³ Aqui Machado se refere a dois assuntos candentes: o processo de pacificação no Sul, e o escândalo do jogo do bicho (nº *O Paiz* de 22 de abril, diz-se que “o jogo acabou no Jardim Zoológico, mas continua à escândaras noutros e inúmeros lugares”). O “norte” talvez nem se refira a algo em particular.

⁴ Henrique Coelho Neto (1864-1934) foi amigo de Machado, que elogiou as suas obras cinco vezes n’“A Semana”. Ver o verbete de Ubiratan Machado, *Dicionário de Machado de Assis*. Numa nota de 29 de abril (*Correspondência*, tomo III, p. 79), Coelho Neto agradeceu a menção.

O livro de que Machado trata aqui, *Fruto proibido*, é um de pelo menos três que Coelho Neto publicou em 1895, e de cinco de que Machado deu notícia nestas crônicas. São *Bilhetes-postais* (em 4 de novembro de 1894; crônica n. 127), *Fruto proibido* (28 de abril de 1895; crônica n. 152), *Miragem* (11 de agosto de 1895; crônica n. 167), *Rei fantasma* (8 de setembro de 1895; crônica n. 171), e finalmente *Sertão*, que trata quando “A Semana” já terminava, em 14 de fevereiro de 1897, (crônica n. 247). Não creio que outro escritor algum contemporâneo lhe mereça tanta atenção, embora o tratamento do *Livro de uma sogra*, de Aluísio Azevedo, na crônica de 29 de setembro (crônica n. 174) seja, no fundo, bem mais respeitoso e envolvido com o assunto.

Sem dúvida, Coelho Neto era uma espécie de protegido de Machado. As relações entre os dois – e as lutas que o autor maranhense teve para sobreviver no mundo das letras – entendem-se muito bem pela carta que escreveu ao “querido mestre” em 19 de agosto de 1895, quando da publicação de *Miragem* (*Correspondência de Machado de Assis*, tomo III, p. 105-106). Com efeito, estes *comptes rendues* (que não chegam a ser resenhas) às vezes têm um tom um pouco forçado, de dever cumprido.

Deles, este talvez seja o mais extenso e interessante. Também será o mais difícil de entender em alguns dos seus detalhes, a começar pelo “gesto indecoroso” de um dos passageiros do bonde flutuante, “que entrou a assobiar um trecho da *Norma*”. Entende-se o gesto, pela referência ao fruto proibido e ao pecado, mas a *Norma*? Esta ópera famosa de Vincenzo Bellini (1801-1835), de 1831, foi uma das mais populares e conhecidas do séc. XIX, e sem dúvida uma das mais “assobiadas”, mas qual trecho? De longe o mais conhecido é a ária “Casta diva”, no primeiro ato, e, pelo seu apelo à castidade da deusa invocada pela sacerdotisa Norma – e mais, levando-se em conta que ela não é nada casta, tendo dois filhos com Polião, general romano e inimigo do povo dela – pode ser a referência, mas não tenho certeza.

Da opinião de Machado sobre *Fruto proibido* (livro de difícil acesso) trato na introdução às crônicas deste ano, onde dou informações mais detalhadas sobre o livro e cito alguns trechos sintomáticos das suas tendências e qualidades. Resumindo, creio que Machado está reagindo delicadamente a uma certa “ousadia” do livro, que raia à pornografia (inspirada sem dúvida nos romances naturalistas e no decadentismo), mas simultaneamente procura – um pouco hipocritamente? – ser respeitável.

⁵ Assim na *Gazeta*. Aurélio substitui por “de”.

defeitos. Concordei com ele, mas expliquei-lhe que, amando Coelho Neto a Bíblia, escreveu um livro que a emenda, de onde se vê que não é tão cego o seu amor, que lhe não veja algumas lacunas. Mostrei-lhe então que o *Fruto Proibido* é o contrário dos capítulos II e III do *Gênesis*. Em vez de permitir o uso de toda a fruta do paraíso, menos a da árvore da ciência do bem e do mal, Coelho Neto encheu o paraíso de frutos proibidos, e disse aos homens, mais ou menos, isto:

– Dou-vos aqui um jardim, de cujas árvores não podeis comer um só fruto; mas, como é preciso que vos alimenteis, untei cada fruto com o mel do meu estilo, e ele só bastará para nutrir-vos.

Os homens obedeceram e obedecem à vontade do jovem Senhor; mas o mel está tão entranhado no fruto, e é tão saboroso, que lamber um e comer o outro é a mesma coisa. Deste modo eliminou a viscosa serpente, e não atirou toda a culpa para cima de Eva; guardou a maior parte para si.

Todos acharam engenhosa a ideia do autor, emendando a escritura, sem parecer fazê-lo, menos o inglês, que me perguntou se esse moço não tinha outra coisa em que ocupar o espírito. Tem outras coisas, respondi; ele mesmo confessa no prefácio que escreveu este livro para repousar de outros. É um trabalhador que acha meio de descansar carregando pedra. Compõe romances, compõe artigos, compõe contos, e ainda agora vai tomar a si uma parte da redação dos debates parlamentares...

– Sim? interrompeu-nos uma senhora, a mim e a um *padre-nosso*.⁶ Pois se se dá com ele, peça-lhe que, depois das páginas que houver de escrever em casa, recolha o seu estilo a algum vaso de porcelana da Saxônia ou vidro de Veneza, e vá sem ele aos debates. Meu marido, que lê muito (onde andaré ele a esta hora, meu Deus!), afirma que é de boa regra não confundir os gêneros. Se houver discursos proibidos, literariamente falando, não lhes ponha o mel do seu estilo; talvez que assim a virtude torne a este mundo.

Francamente, não entendi a senhora, que continuou a rezar o seu *padre-nosso*: “...seja feita a vossa vontade, assim na terra...” Eu deixei-me ir ao assunto natural da ocasião, a abertura do congresso nacional. Alguns duvidavam, por causa do dilúvio. Era impossível que deputados e senadores se reunissem debaixo de tanta água e vento. Um adversário ou inimigo pessoal do Sr. Zama censurou fortemente a este deputado, que traz a história romana na ponta dos dedos e ainda se não lembrou de dizer à Bahia, seu Estado natal, que Roma não prosperou com dois senados, mas com um, de onde lhe veio a força grande, e escrever por aí um Tito Lívio.⁷ A política, durante alguns instantes,

⁶ Assim, em itálico, na *Gazeta*. Aurélio põe em romano.

⁷ Para o deputado César Zama e seus escritos sobre a Antiguidade, ver a crônica de 11 de novembro de 1894 (128), nota 3. Para os dois senados e outras questões políticas da Bahia, ver a crônica de 7 de abril de 1895 (149), nota 10, e a crônica de 14 de abril de 1895 (150).

tomou conta da conversação. Ambos os senados⁸ tiveram defensores, e ardentes. Não faltou quem os adotasse juntos. Eu cheguei a pensar comigo, se não melhorariam as coisas havendo um terceiro senado...

Assim passamos as horas, e rompeu o dia de sábado, sempre debaixo de água. Já havia fome, porque o Noé espanhol que nos levava, não cuidara da comida, ninguém jantara, o céu continuava turvo e a água caía a jorros. Deu-nos então para dizer mal dos amigos, e afinal de nós mesmos. Raro vinham coisas estranhas ou passadas. Alguém lembrou a revolução de Santiago, província argentina, no princípio da semana, revolução em que morreu um homem e fugiu o governador.⁹ O inglês disse que não se devia chamar revolução ao movimento em que morre uma pessoa só. Qual é a semana, perguntou bufando, em que não morre alguém debaixo de um bonde elétrico? E bonde elétrico é revolução? No sentido científico, decerto; mas, como ação popular¹⁰ não. A diferença única é que o governador de Santiago desapareceu, coisa que já não faz nenhum cocheiro de bonde, para não perder dois ou três dias de ordenado sem necessidade alguma...

A fadiga era tal que ninguém contestou o inglês, e deixou-o falar enquanto quis. Todos abrimos a boca de fome e de sono. Continuamos a boiar, não sei por quanto tempo; os nossos relógios tinham parado. De repente ouvimos um clamor vago, depois mais claro e forte. Era um rapaz que berrava:

– Vinte contos! Loteria Nacional! Hoje!

Estávamos em terra.



⁸ Assim na *Gazeta*. Aurélio, por erro, tem “senadores”.

⁹ Telegrama na *Gazeta* de 23 de abril: “Notícias de Santiago del Estero anunciam que a situação nesta província é muito grave. O governador, Sr. Lagar, vendo a excitação revolucionária que reinava ao redor de si, deu sua demissão, dizendo-se até que ele fugiu para Buenos Aires, temendo ser assassinado.”

¹⁰ Aurélio acrescenta uma vírgula, que não está na *Gazeta*.